

Crescimento com qualidade

Rodrigo Rollemberg*

Com apenas 42 anos, a capital da República tem hoje suas atividades econômicas centradas nos serviços, que fornecem 92% dos postos de emprego disponíveis. A indústria da construção civil, muito importante nos primeiros anos da cidade, emprega, hoje, somente 4% dos trabalhadores. A indústria de transformação ocupa 3% da mão-de-obra local. E a agricultura, apenas 1%. Segundo dados da Codeplan, o desemprego total em Brasília alcançou o índice de 21,1% em abril de 2002, afligindo 199,2 mil trabalhadores.

Para enfrentar a herança perversa deixada pelo GDF, é preciso perseguir o desenvolvimento sustentável do turismo, em suas diversas modalidades. Brasília recebe, por ano, cerca de 1 milhão de visitantes, que, na maioria, vêm à cidade para tratar de negócios, sendo que uma pequena parcela vem efetivamente conhecer a cidade. Estima-se que, atualmente, o turismo seja responsável por cerca de 13% do Produto Interno Bruto do DF. Portanto, há ainda um enorme potencial de crescimento, que poderia ser estimulado a partir de uma política eficiente para o setor.

Como se sabe, o turismo é um ramo de atividade que gera muitos empregos, embora com um investimento menor que a maioria dos setores industriais clássicos. Especialistas dizem que Brasília pode-



Rodrigo Rollemberg

ria aumentar muito sua receita com o turismo de negócios, caso contássemos com um amplo, moderno e funcional Centro Internacional de Convenções, Negócios, Feiras e Eventos, para sediar grandes encontros, nacionais ou internacionais, com capacidade para cerca de 10 mil lugares. O que existe hoje, além de completamente degradado, só comporta 900 pessoas. A construção de um novo Centro de Convenções, portanto, é um compromisso nosso.

Brasília, além do turismo, também tem vocação para ser um importante pólo de ciência e tecnologia, pois, entre outros motivos, possui a Universidade de Brasília (UnB) e a Embrapa, que mantêm núcleos científicos respeitáveis. O exemplo mais claro das imensas possibilidades de crescimento da área tecnológica em Brasília está na indústria da informática, que conta hoje com um

grande número de empresas de ponta na capital. Aliás, o DF é hoje o segundo mercado consumidor nacional de bens e serviços de informática. Aqui se encontra a maior concentração de cientistas do país, em termos relativos.

Temos que revitalizar a Fundação de Apoio à Pesquisa (FAP-DF), que pode cumprir importante papel no desenvolvimento regional, já que mantém seu foco nas potencialidades locais, respaldando, decisivamente, os grupos emergentes de pesquisadores da região. Contudo, a FAP, criada em 1994, foi sendo deliberadamente esvaziada, a cada ano perdendo recursos. Em 1999, por exemplo, estavam previstos R\$ 20 milhões para a FAP no orçamento, mas somente um décimo desse valor foi efetivamente liberado. No ano 2000, só a metade dos R\$ 11 milhões inicialmente orçados chegou realmente à FAP.

Também pretendemos criar mecanismos de incentivo às novas empresas que queiram integrar o Pólo de Ciência e Tecnologia do DF, procurando atrair empreendimentos relacionados a biotecnologia, telecomunicações, nanotecnologia e informática, preferencialmente, bem como incentivar a formação de incubadoras de empresas, facilitando o surgimento de inovações tecnológicas, a exemplo do que já ocorre na UnB.

Além do turismo e de ciência e tecnologia, de uma forma geral, o

design, a indústria do vestuário, a confecção de jóias, a agroindústria e as atividades culturais são os outros setores que consideramos com maior potencial de crescimento.

Somente o Projeto Orla tem potencial para criar 30 mil empregos diretos. E pequenas indústrias tradicionais, que já têm seus parques instalados em Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, devem ser apoiadas com decisão. Mais um compromisso: facilitar o crédito aos pequenos e micro empresários, e aumentar o limite do Simples candango para até R\$ 1,2 milhão de faturamento anual.

E não podemos nos esquecer

O que precisamos é de um governo que trabalhe por mais empregos, mais empresas, mais segurança

que o crescimento mais dinâmico na zona rural se dá atualmente nas atividades não agrícolas, relacionadas ao turismo rural e ao lazer. Nos anos 90, multiplicaram-se os hotéis-fazenda, os restaurantes rurais

e os parques de pescaria. Mais de 50 desses empreendimentos foram instalados de 1996 até 2000 no DF. Vamos intensificar essa vocação.

Enfim, o que precisamos é de um governo que trabalhe por mais empregos, mais empresas, mais segurança. Queremos um governo que incentive a pequena e a média empresa, a geração de empregos e a valorização do trabalhador. Precisamos derrotar a demagogia, antes que a demagogia acabe com o Distrito Federal. Chega de desemprego e de insegurança.

*Deputado distrital e candidato ao governo do DF pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB)